

ENCONTRO ANUAL DOS PARCEIROS 2007

3 e 4 de abril de 2007, em Campinas (SP)

RELATÓRIO

“Nossa tarefa não é fazer a História, mas participar dela”.
(Key Yuasa, p 10)



PARTE DO GRUPO DE PARCEIROS, DURANTE A SANTA CEIA.

ÍNDICE:

DIA 03

Café da manhã

- > Início e Meditação bíblica (Key Yuasa) 03
- > Apresentação dos participantes 04
- > Informes do Grupo Gestor 04
- > Sensibilização 04
- > Apresentação dos projetos apoiados por MD:
 - Keeping Children Safe Coalition 04
 - Claves 04
 - Teologia da Criança no Brasil 05
 - Mutirão Mundial de Oração 05

Almoço

- > Relatório narrativo 2006 06
- > Relatório financeiro 07
- > Avaliação da revista 08
- > Escolha de temas 08

Dia 04:

Santa Ceia e café da manhã

- > Discussão sobre o Grupo Gestor 09
- > Meditação Bíblica (Key Yuasa) 10
- > Grupos de Trabalho 10

Local: Lar Luterano Belém, Campinas (SP).

Dia 03

Início: 8h15

O encontro é iniciado com as boas-vindas da EE e os participantes cantam o hino “Senhor Exaltado”.

Meditação bíblica, por Key Yuasa (sobre as qualidades de Maria em seu cântico)

Key Yuasa, pastor convidado para dirigir as meditações bíblicas, inicia a primeira reflexão, baseada em Lucas 1.38, 46. Ele destaca cinco pontos do cântico de Maria:

1) *Maria vivia a esperança de Israel.* Ela conhecia a história de seu povo, pois sua oração parece com a de Ana, com a de Débora, com a de Miriam. Conhecia as heroínas, os heróis de seu povo. Assim aprendeu a esperar. No seu cântico, percebemos que ela cumpria os preceitos religiosos de Israel. Maria praticava com seu marido com ordem, precisão e regularidade os preceitos de fé de Israel. Essa regularidade é fundamental para que a esperança continue esperança. Maria e seu marido todos os anos iram à Jerusalém. Ali eles renovavam contato com seu povo, e também com outros patrícios. Somos desafiados a viver a nossa melhor esperança. Somos desafiados no nosso tempo a manter as melhores esperanças acerca do Brasil: vida eterna e mudanças nesta geração, nesta vida.

2) *Maria consagrou sua vida ao Senhor.* (1.38). Consagração é a forma de saber qual a vontade de Deus, segundo Paulo (Rm 12.1,2): “apresentai vossos corpos a Deus... pela renovação da vossa mente...”. Existe uma vontade boa, perfeita e agradável de Deus. Será que a vontade de Deus pode chegar a nós, seres imperfeitos? Sim, primeiro através de nossos pais, mesmo que não fossem crentes.

3) *Maria recebeu e se encheu do Espírito Santo.* Claro que a vocação de Maria é única, mas temos um paralelo com ela, pois também recebemos vida nova em Cristo pelo Espírito Santo. É muito importante lembrar que a vocação dela é especial, mas que simboliza o que acontece conosco.

4) *Maria guardava tudo em seu coração.* Às vezes, ela não entendia, mas guardava no coração. Na minha infância minha mãe dava para nós favas torradas. À medida que você vai chupando em algum momento você raspa e tira alguma coisa dela. Chupa por 10, 15 minutos. Depois, você consegue morder. O gosto parece o de um botão!

Em família japonesa se come lula seca torrada. Na cultura de hoje, estamos recebendo só coisas moles. Cuidado com crianças que cospem logo o que põem na boca. Precisamos aprender a comer coisas duras. Precisamos lutar. Criança que cospe logo porque está amargo, precisa aprender a comer. Maria às vezes não entendia, mas guardava. E guardando, à medida que o tempo passava, ela começava a entender. Mas não jogou fora porque não entendeu. Um exemplo muito bonito é o da pérola que é formada a partir do sofrimento. A ostra tenta expulsar o grão de areia, mas não consegue. Com o tempo, este grão se torna uma pérola.

Não vamos jogar fora os problemas insolúveis, mas sim esperar no Senhor; vamos orar. E com o tempo, vamos encontrar uma pérola no coração. A vida de Maria é uma tremenda lição para nós.

5) *Maria permaneceu na igreja.* Depois da crucificação e da ressurreição, Maria permaneceu unânime em oração junto com os irmãos e os discípulos. Permanecendo com os discípulos, Maria conseguiu comprovar a veracidade das palavras de Jesus através da transformação dos discípulos. Viu a descida do Espírito Santo e a inauguração da igreja. Maria viu seus filhos crescerem e se tornarem líderes. Deus realizou a vida e a vocação de Maria plenamente como mulher, como mãe, como serva de Deus. Que Deus possa nos inspirar, fortalecer. Lembro de um amigo que encontrei quando era jovem. Era um trabalhador social cristão. Depois do acampamento, fui visitá-lo. Ele estava se preparando para acampar com um garoto. Esse garoto descobriu que a mãe estava viva e era prostituta. Meu amigo me disse: “Vou ficar com ele, conversar, caminhar, passaremos o dia juntos”. Depois ele me mostrou vários desenhos feitos pelos meninos em trajetória de rua. No começo eram barcos cinzas, sem luz no mar

negro. À medida que o tempo foi passando, esses desenhos foram mudando. Vamos lembrar quando nós enfrentamos dificuldades, vamos lembrar de homens que tem servido a Deus, que tem esperança, que guardam as coisas que Deus dá aos seus servos.

Apresentação dos Participantes

Klênia: “Este é o sexto encontro de MD e pela primeira vez fazemos o evento fora de Viçosa. Com isso, conseguimos reunir o maior número de pessoas. Agora chegou o momento de nos apresentarmos: cada pessoa fala seu nome e faz dois pedidos de oração: um pessoal e um da organização que está representando.”

Todos os parceiros se apresentam. A maioria pede oração pela família e pela liderança e por novos projetos de suas organizações.

Informes do Grupo Gestor

Elsie explica o que é o GG, quem compõe o grupo e porque o compõe.

Susete informa sobre a conclusão do GG a respeito da identidade de MD. “MD trabalha em rede, mesmo não sendo uma rede oficial”. Ela explica que o GG decidiu continuar com o arranjo institucional vigente em que a Editora Ultimato, como parceira, permanece como administradora da revista¹. Susete acrescenta que, por hora, o GG está formalizando a rede que já existe. Na medida em que a demanda crescer, devemos pensar na criação de uma ONG.

Welinton discute sobre as possibilidades de atuação e renovação do GG e sobre como MD pode aproveitar melhor o grupo. Ele pergunta se outras organizações parceiras gostariam de fazer parte do GG e se o mandato de 2 anos para cada membro seria uma boa proposta.

Débora pergunta se há espaço para mais organizações no GG.

Elsie responde que há vaga pelo menos para mais duas organizações. Ela explica que as organizações que fazem parte hoje do GG são as que começaram a revista.

Os membros do GG propõem que ele seja renovado.

Welinton acha que devemos pensar melhor como seria a proposta de trabalho e renovação do GG e que esta discussão poderia continuar em outro momento.

Thiago pergunta quais são os papéis do GG e do Conselho Editorial.

Elsie explica que o conselho é formado pelos representantes de todas as organizações parceiras; destes tiramos um grupo menor para trabalhar mais de perto com a equipe editorial, administrativa e estrategicamente. O GG teria a responsabilidade de avaliar e pensar estratégia para o futuro.

Sensibilização: filme *Crianças Invisíveis*.

Como método de sensibilização, foi exibida a história de Ciro, contada no filme *Crianças Invisíveis*. Ciro é uma criança que faz pequenos furtos para sustentar o desejo de brincar em um parque de diversões. Após a exibição, alguns parceiros comentaram sobre o assunto e a questão da maioria penal. Para finalizar, todos oraram: 1) pelas crianças, para que Deus dê esperança a elas e para que não desistam de ser crianças; 2) pelos adultos, para que Deus dê um coração mais sensível.

Apresentação dos projetos apoiados por Mãos Dadas

Keeping Children Safe Coalition

¹ A *Ultimato* sede um espaço físico para o escritório da EE, gerencia os gastos, realiza a captação de recursos e presta serviços terceirizados de revisão e distribuição de MD. Além disso, a editora empresta seu nome e divulga MD como um projeto parceiro. (Nota do redator).

Elsie fala sobre o *Keeping Children Safe Coalition*, uma iniciativa em rede no Reino Unido que criou padrões para a proteção das crianças atendidas nas organizações sociais envolvidas. Ela apresenta parte de um vídeo e pede ajuda aos parceiros no trabalho de escrita da “Política de Proteção das Crianças e Adolescentes” da revista *Mãos Dadas*.

CLAVES

Elsie explica sobre o que é o CLAVES e sua metodologia. Fala sobre o processo no Brasil iniciado em 2004² e o que está sendo feito este ano. Um grupo de 13 pessoas está sendo capacitado para capacitar outros a partir do segundo semestre. Ivan Ferreira (do Ministério Programa Criança Feliz) e Menta Alves (Rebusca) compartilham a importância do material do CLAVES em suas organizações.

Teologia da Criança no Brasil

Welinton Pereira faz um breve relatório sobre o processo recente de reflexão de uma teologia da criança no Brasil. Ele fala que foi realizada uma consulta em setembro de 2006 reunindo um grupo com boa representatividade e que gerou afirmações novas sobre uma teologia da criança. Outras consultas nos mesmos moldes foram realizadas em África, Ásia, Europa e EUA, organizadas pelo *Child Theology Movement*. A consulta no Brasil contou com períodos de reflexão e ações práticas. Os participantes visitaram projetos que atendem crianças em risco da Associação Refúgio e do PEPE Network. Para Welinton, o contato com as crianças foi o momento auge da consulta. “A Teologia da Criança não discute apenas como evangelizar a criança, mas também como nos convertermos à criança”. Welinton informa que o relatório da consulta está sendo feito. Outro produto do processo é um livro que está sendo financiado pela Compassion e pela Visão Mundial como resultado de algumas reflexões geradas pela consulta. O conteúdo do livro também terá reflexões de Milton Schwantes sobre a infância do Antigo Testamento e de Paulo Garcia sobre o capítulo 18 do evangelho segundo Mateus.

Elsie testemunha que foi muito tocada no segundo dia da consulta quando as crianças perguntaram por que não podiam voltar para casa. “Não soubemos a resposta, não tínhamos resposta. As crianças acharam isso bom porque não fomos lá para dar as respostas a elas. Para mim, foi como um tapa na cara, porque somos acostumados a dar as respostas. Senti que quem recebeu mais fomos nós. Lembro do Ariovaldo Ramos falando que se mudássemos nossa ótica sobre a criança, muitos problemas da igreja não estariam acontecendo”.

Tércio: “uma coisa que eu passei a adotar foi a centralidade da criança. De forma prática a igreja até cria programas próprios para as crianças, mas de fato o centro são os adultos. Na semana passada me senti mais flexível com os barulhos das crianças. Como é bom ser tolerante com elas! Os discípulos disseram que as crianças estavam atrapalhando; nós também agimos assim hoje. Na prática, tenho desenvolvido uma amizade maior com elas e tenho interpretado a Bíblia com a ótica voltada para a criança.”

Welinton: “uma coisa que me chamou atenção foi uma pessoa da APEC que participou da consulta. Ela disse que teve que se arrepender dos seus pecados quando era bem novinho e que durante toda a sua vida ensinou isso às crianças. O Carlos Queiroz coloca a criança como uma das revelações de Deus. Talvez ser um cristão maduro é muito mais se aproximar da criança do que se afastar dela. Este é apenas um pontapé inicial, temos muita coisa para fazer e caminhar. Mas precisamos começar este caminho. Um alvo para este ano é realizar uma consulta das crianças na qual o adulto seria apenas um observador. Nas visitas às entidades sociais nós aprendemos muito. Podemos trabalhar juntos.”

Lissânder: “podemos trabalhar melhor esta agenda de ações nos grupos de trabalho amanhã.”

Mutirão Mundial de Oração Por Crianças e Adolescentes em Situação de Risco

O Rev. Cilas Gavioli conta como o mutirão de oração ajudou a família da menina Débora, uma das crianças atendidas pelo Projeto Nova Jerusalém, em Campinas (SP). “Débora pediu uma casa para Deus, pois sua moradia se limitava a um pequeno cômodo. As pessoas presentes na reunião de oração ficaram sensibilizadas e, com apoio de outras organizações e igrejas, resolveram ajudar; no final, a oração de

² Veja resumo histórico no link <http://www.maosdadas.net/?pg=paginas®istro=16&util=1>

Débora foi respondida e sua família mora em uma casa bem melhor que a anterior.” Débora está presente junto com a professora Ednalva. Todos os parceiros aplaudem Débora.

Klênia apresenta números e produtos do mutirão deste ano. Fala da diferença que o mutirão fez na Editora Ultimato. “O mutirão é instrumento para pedirmos a Deus, mas também como chamada anual para recuperarmos a valor da oração em nossas organizações.” Ela lembra que esse movimento não é uma iniciativa brasileira, mas mundial, da Viva Network. Klênia diz que no Salmo 100 Deus nos lembra que ele é Deus.

Tércio: “Em 2006, fizemos uma ação paralela entre a campanha do Mutirão de Oração pelas Crianças (1-3 de junho) e a campanha do Dia Mundial de Oração pelas Igrejas (27 de maio). Agora em 2007, fizemos uma parceria mais efetiva. Tivemos uma reunião para tentarmos fazer uma aliança. Decidimos que no dia 26 vamos reservar uma hora para orarmos por crianças e adolescentes em risco.”

Os presentes lêem juntos a oração escrita no cartaz do mutirão.

ALMOÇO

Relatório narrativo 2006 (14h20)

Elsie pede para que todos acompanhem a apresentação do relatório narrativo 2006 (todos receberam cópia em suas pastas). Ela começa a falar sobre as metas e depois sobre as atividades realizadas. Uma das observações feitas é que publicamos uma edição a menos do que foi planejado. Tércio pergunta se houve manifestações dos leitores quanto a isso. Lissânder diz que a equipe recebeu algumas cartas, mas não muitas.

Elsie pede para parceiros indicarem especialistas de assuntos relacionados à infância. Pelo menos 10.

Durante a leitura do relatório, Elsie destaca os seguintes pontos:

- A inclusão mais clara das vozes dos agentes sociais nas duas edições da revista. Estamos fazendo pesquisas com agentes sociais e publicando os resultados na revista.
- O enriquecimento da participação dos parceiros no conteúdo da revista. Registramos 21 parceiros que contribuíram diretamente ao conteúdo das duas edições. Elsie explica como acontece este processo: “escolhemos os assuntos e pensamos nos parceiros que poderiam contribuir com informações e análises. Só publicamos porque conhecemos os parceiros. Por exemplo: relatamos a prática de oração da Associação Beneficente e Educacional Vale da Benção (AEBVB) e ainda desejamos escrever algo sobre o trabalho de inclusão escolar que eles desenvolvem”. Lissânder lembra que isso, inclusive, é um estímulo para que as organizações registrem suas boas práticas.
- Uma maior inclusão do trabalho em rede e sua importância. Elsie pergunta se os parceiros concordam que o conteúdo da revista conseguiu isso. Todos aprovam que a revista trabalhou e incentivou o trabalho em rede em suas edições.
- Nova forma do projeto *Amigos de Mãos Dadas*. Elsie explica que o projeto não se desenvolveu e que por isso a EE resolveu estruturá-lo de outra forma. Ao invés de escolher algumas pessoas e organizar um evento para elas, a EE decidiu estimular os projetos sociais a organizarem eleições entre seus funcionários para escolher o melhor deles. 36 projetos enviaram à EE o resultado das eleições. Como resultado, os agentes sociais vencedores receberam certificados de honra ao mérito. A próxima ação será atraí-los para um fórum no site de MD. Ivan diz que o Ministério Criança Feliz fez a eleição em seus programas e que foi algo novo e bem interessante.
- A participação de MD na metodologia CLAVES: Elsie explica que MD teve um papel protagônico e como isso ocorreu. Welinton pergunta como foi o critério de escolha dos projetos. Elsie explica que foram usados dois critérios: 1) que fossem projetos das organizações apoiadoras da implantação da metodologia; 2) projetos da região Nordeste e Sudeste.
- Distribuição da revista: 20 mil exemplares enviados para agentes sociais cristãos, professores de crianças nas igrejas, conselhos tutelares e interessados; 15 mil enviados para assinantes da Ultimato. Klênia explica que anteriormente o segundo público recebia 20 mil e o primeiro 15 mil; por recomendação do avaliador externo, Alexandre Brasil, estamos aumentando ao longo do tempo os

exemplares para o primeiro público até chegarmos no momento em que teremos apenas um público alvo. Welinton diz que não consegue separá-los em 2 públicos totalmente distintos. Elsie diz que talvez a questão seja quanto à linguagem e não ao público. Débora acrescenta que consideramos que o educador não tem curso superior, mas que na realidade atualmente as organizações estão obrigando seus funcionários a concluírem o curso universitário (ela cita o exemplo da AEBVB). Thiago pergunta se a EE tem alguma pesquisa sobre o perfil dos agentes sociais. Marilene lembra que tem uma lei que exige curso superior dos educadores. Davi Krukliis diz que independentemente do curso superior, a regra é que quando se aumenta a abrangência, diminui-se a profundidade. Ieda fala que às vezes há alunos que estão na faculdade, mas que não necessariamente sabem ler e interpretar corretamente. Klênia diz que podemos pensar em realizar uma pesquisa ampla sobre o nível de escolaridade. Eliel afirma que no Nordeste dificilmente encontraremos agentes sociais cristãos com curso superior.

- O site: Lissânder apresenta a *home* do site, os números de acesso³ e as possibilidades de interação. Tércio sugere que cada parceiro coloque um link do site de MD na página eletrônica de sua organização.

Comentários sobre o relatório

Elsie abre espaço para que os parceiros comentem o relatório.

Ieda informa que a CAF ainda recebe revistas em nome de pessoas que não estão trabalhando mais na organização e que isso prova uma falha na distribuição da revista. Ao mesmo tempo, ela faz questão de dizer que não acha ruim ter mais revistas, pois pode distribuir a outras pessoas.

Débora elogia a comunicação da EE com os parceiros, destacando que é rápida e eficiente. Ela acrescenta que a revista tem capacidade de trazer novidade e que estamos conseguindo fazer um trabalho bastante interessante. A distribuição para os conselhos tutelares está rompendo a idéia de que os evangélicos trabalham somente entre si.

Menta diz que na Rebusca usam a revista com as cozinheiras e elas entendem a linguagem.

Welinton sugere que a revista poderia buscar o enfoque de assuntos relacionados à Políticas Públicas, “porque o agente não é só da igreja, mas também um cidadão”. MD também poderia dar dicas sobre como o projeto social pode se adequar às Políticas Públicas. Ele acha que a linguagem de MD ainda tem muito “evangeliquês”. Welinton diz que o GG ficou figurativo e a EE assumiu o protagonismo da revista.

Ivan lembra que uma das funções do GG pode ser indicar especialistas para avaliarem o conteúdo das edições.

Elsie diz que já consulta especialistas antes de escrever o conteúdo. Ivan pergunta se não deveria submeter o texto antes para eles. Elsie diz que não dá tempo. Thiago afirma que isso não pode acontecer, pois fere a liberdade de expressão dos redatores.

Tércio acha que o Estatuto da Criança e do Adolescente é um assunto muito relevante é o ECA. “A seção sobre Defesa de Direitos está boa, mas não sei se o agente social está atendendo”.

Ailton: “a linguagem está sendo direcionada e isto é ponto pacífico. O que precisamos é de uma quantidade maior de exemplares para distribuir”. Lissânder responder que isso é fácil, basta pedir à EE.

Débora acha que poderíamos explicar melhor o que significa buscar o trabalho em rede. “Que idéias podemos ter?”

Elsie: “não sei como surgiu a expressão *agente social cristão*, mas eles vêm a revista e dizem: ‘olha, eu sou um *agente social cristão!*’ Um exemplo de trabalho em rede foi o concurso de redação. Lissânder explica como foi o processo. “Recebemos o convite da Red Viva para participar do concurso e tivemos pouco tempo para divulgar entre os parceiros. Mesmo assim, fizemos e contamos com um bom número de participantes.” (...) “A vencedora do Brasil também ficou em segundo lugar em sua categoria em nível mundial (inclusive, a revista Rumo, do Exército de Salvação, publicou neste mês a redação dela).”

A EE organiza a seleção de grupos de trabalho para o dia seguinte.

Relatório financeiro

³ 3.118 visitas entre 31/03/2006 e 31/12/2006. 2.805 visitas entre 01/01/2007 e 28/03/2007.

Klênia apresenta o relatório financeiro do ano de 2006. “Em junho refizemos o relatório: diminuimos o número de edições e cortamos alguns gastos. Duas organizações grandes reduziram a verba”. Os parceiros perguntam o valor total da produção de uma edição e ela responde que é de R\$ 26.500,00.

Klênia apresenta um histórico desde 2001 do orçamento anual de MD. A partir de 2003 o orçamento aumentou consideravelmente porque algumas contribuições que já existiam passaram a ser incluídas no relatório. Outro motivo é a contratação do assistente editorial, viagens etc. Ela ressalta que as orientações da Tearfund foram vitais durante a elaboração das propostas e do orçamento.

Welinton: “Acho que o próximo relatório financeiro pode discriminar o custo da revista do restante. Também acho que a palavra *subvenção* é muito negativa para este tipo de trabalho, parece mais com governo. A palavra melhor seria *contribuição*.”

Klênia: “a palavra contribuição também não é boa. Vamos pedir ao Tércio para verificar se há uma palavra melhor (Tércio aceita a tarefa).”

Avaliação da revista

A EE divide os presentes em grupos pequenos para a avaliação da revista. No geral, todos estão satisfeitos com *Mãos Dadas*⁴. Uma das sugestões feitas foi criar uma seção direcionada aos líderes das igrejas e mudar a seção *Mãos na Massa* que, segundo alguns parceiros, estava muito regional. A sugestão aceita foi criar a seção *Carta Aberta à Igreja* (nome provisório) e retirar as subseções *Avisos*, *Notícias* e *Desafio do Mãos na Massa*⁵.

Escolha de temas

Apresentação dos temas para 2007: Elsie explica sobre os temas das próximas edições de 2007. A primeira edição foi sobre a defesa dos direitos da criança na própria organização, ou seja, o direito básico de segurança e proteção. A edição nº 17 será sobre *o que é* defesa de direitos (por que sim e por que não defender os direitos). Na edição de setembro, a EE pretende escrever sobre *como* defender os direitos.

Elsie também informa que a EE mudou as datas da publicação das revistas para março, maio e setembro (antes era março, julho e novembro). A razão da mudança é para que MD chegue às mãos dos leitores fora da época das férias nos projetos sociais. Além disso, vale lembrar que MD é publicada nos mesmos meses que a revista *Ultimato* (sempre nos meses ímpares).

Opinião dos parceiros: Márcia Suss acha que a idéia é perfeita, muito legal, porque o tema defesa dos direitos é muito amplo. Welinton sugere que a EE selecione histórias de luta. Ele também acha que o custo para produzir uma revista é muito alto e que por isso talvez seja despendioso publicar mais duas edições sobre o mesmo assunto. Uma idéia é publicar no site o conteúdo que seria de edição nº 18. Os outros parceiros concordam com Welinton.

Temas escolhidos:

1. Recreação - a importância de brincar.
2. Ações que promovam a saúde emocional do Agente Social Cristão.
3. Desenvolvimento comunitário.

Os parceiros não concordaram que o tema da edição nº 18 seja o proposto pela EE. Eles sugeriram que seja “Recreação - a importância de brincar”.

Os outros temas votados, mas não aprovados poderão ser abordados no site da revista. São eles:

- Como capacitar o Agente Social Cristão.
- Resposta da Igreja frente ao trabalho infantil (o que a igreja está fazendo).
- Convivência com a marginalidade.

⁴ Uma das nossas malas foi extraviada na viagem de volta para Viçosa. Infelizmente, os formulários de avaliação da revista e do encontro estavam dentro dela e também foram perdidos.

⁵ A EE executou as mudanças na edição de maio de 2007.

- Parcerias: trabalho em rede
- Defesa dos direitos na prática

Mais temas:

- Programas de proteção do ECA
- Construção de propostas educativas
- Gravidez na adolescência
- Lidando com as perdas
- Portadores de necessidades especiais

Elsie pede para cada parceiro indicar em formulário em qual(is) tema(s) poderá ajudar⁶.

Dia 04:

Santa Ceia

Café

Discussão sobre o Grupo Gestor

Welinton fala sobre a necessidade de legitimar o GG, renovando ou continuando os presentes. Ele acha que a EE não deve fazer parte do GG.

Davi Kruklis pergunta quem dá a palavra final no conteúdo da revista: a EE ou o GG?

Klênia: “Hoje é a EE. Mas acho que essa discussão será muito prolongada e insipiente no momento. Deveríamos ter estabelecido antes as definições do GG, seus critérios, etc.”

Elsie faz um apanhado histórico e explica como o GG foi criado. “Do grupo geral das organizações parceiras, fomos separando as atribuições da EE, do GG e dos outros parceiros.” Ela propõe que o GG seria a “voz” do Conselho Editorial.

Klênia: “Temos que definir quem faz o que entre os parceiros: comunicação dos parceiros, captação de recursos, etc. Não é um assunto fácil de ser resolvido agora. Aproveitei para elaborar alguns critérios para o GG⁷.”

Voltando à questão da não-participação dos membros da EE no GG, os presentes discutem sobre a permanência de Klênia e Elsie no GG. Por ser representante da Editora Ultimato no GG, Klênia acha que não deveria sair. Elsie acha que Klênia faz parte da equipe executora e pode sair. Welinton acha que Klênia não deve sair, porque a Ultimato tem um papel muito importante nas alianças. Todos concordam com o Welinton.

Randall: “Seria bom traçarmos uma agenda mínima de trabalho para o GG. Podemos mudar o nome de Grupo Gestor para Conselho Consultivo. Klênia não tem certeza se a mudança seria boa idéia, já que as atribuições do GG não se encaixam em um conselho consultivo.”

Davi Kruklis acha que o GG precisa definir o seu próprio rumo e suas estratégias. O GG decide e a EE executa. Para ele, trazer a escolha de temas para conselho editorial não é tão bom, isso seria responsabilidade do GG.

Ailton: “tendo um GG atuante poderíamos caminhar muito mais rápido do que tem ido e tratar de temas relevantes e importantes para o momento. Deveríamos ter no GG gente do sul, norte, etc. Organizações que não estão conosco, etc. Nesta divisão, o Davi deixa claro que precisamos do GG e a Klênia não deve ficar de fora.”

⁶ Estes formulários estavam dentro da mala que foi extraviada.

⁷ Está disponível em nosso escritório. Pedidos pelo e-mail maosdadas@ultimato.com.br

Márcia: Perguntei a Elsie por que MD não tem uma edição sobre a discussão da redução da idade penal.

Welinton: “Temos dois formatos para abordagem, a revista e o site. O da revista é mais conservador (tem dado certo e não devemos mudar da noite para o dia). No site, temos que ter temas mais atuais, desafiadores.”

João Raul: “Eleger o GG sem saber o que vai fazer é talvez atrapalhar o que vocês já fazem, é perigoso. Tem que ter um processo. Não sei quanto tempo o GG vai dedicar para isso, pois dependendo da atuação ele pode engessar. Uma possível proposta é montar o GG com os nomes, fazer processo de adaptação e ver se está dando certo; e, devagar, no ano que vem, fazemos uma avaliação.”

Welinton: “O GG já existe, mas estamos pensando na renovação.”

Klênia: “Acho que a discussão não está madura o suficiente. E devemos pensar que foi declarada a existência da rede, e o GG deve entender que isso muda muito. Minha proposta é suspender a discussão e conversarmos melhor depois do almoço.”

Elsie: “Concordo, mas devemos fazer um compromisso com o grupo todo e apresentar uma proposta para o grupo todo para o ano que vem.”

Klênia: “Quem tiver interesse em participar do GG, pode escrever no papel seu nome e entregar para Welinton.”

Elsie: “Então vamos definir quantas vezes o GG vai se encontrar.”

Welinton: “Podemos fazer não-presencial.”

Elsie: “E, pelo menos, um encontro presencial.”

Meditação Bíblica, por Key Yuasa (sobre o fato de que Deus é Senhor da História).

“Nós, seres humanos, queremos deixar marcas e estátuas. Nossa visão das escrituras é que Deus é Senhor da História e que todas as coisas cooperam para o nosso bem. *Fé* é crer hoje naquilo que Deus fez por nós em Jesus Cristo no passado. *Esperança* é esperar hoje as promessas que o Senhor tem dado para nós. *Amor* é amar hoje o meu próximo.

Essas virtudes teológicas são categorias do presente e extremamente criativas da História, produzem História. Mas nossa tarefa não é fazer a História, mas participar dela. Certamente *fé*, *esperança* e *amor* vão produzir História, mas quem faz é Deus. Em Atos vemos que Deus escreveu a História, não os apóstolos. Somos parte da História da Igreja no Brasil, mas Deus está no controle, e vai fazê-la.

A Bíblia fala sobre os heróis da fé (Hb 11.39). Os apóstolos caminharam, mas o ministério deles sem nós, não se completa. Esse é um pensamento muito positivo. Daí precisarmos honrar a quem se deve honra, os homens que Deus usou nas outras gerações (no mesmo estilo de “honrar teu pai e tua mãe”). Receber herança, trabalhar com cuidado essa herança e completar, expandi-la. Nas Américas falta visão da História, queremos começar tudo de novo. Essa visão em Hebreus é muito consoladora. Sejamos aqueles que com fidelidade fazemos a nossa parte, de tal forma que as vidas de várias pessoas sejam aperfeiçoadas, abençoadas por nós. Temos uma possibilidade de viver a nossa vida de maneira tal que ajude a expandir a vida dos outros. Acho que os grupos da revista MD e da Editora Ultimato tem a grande tarefa de acabar com o vazio que existe no meio evangélico. O trabalho com crianças é um capítulo esquecido em nossa História.”

Grupos de Trabalho

Os participantes são divididos (por escolha individual) nos Grupos de Trabalho (GT) com os seguintes temas: Teologia da Criança, Mobilização da Igreja, Metodologia CLAVES e Uso do site. A proposta é que cada grupo pense em ações concretas para cada tema.

A seguir, um resumo das decisões de cada GT.

- Teologia da Criança

Participantes: Welinton, Lissânder, Key Yuasa, Randall, Tânia e Terezinha.

Os integrantes que participaram da Consulta sobre a Teologia da Criança acontecida em setembro, em

Itu - SP compartilharam sobre o evento e conversaram sobre o que é a TC e estratégias de divulgação. O grupo discutiu sobre a necessidade de agilizar a elaboração do Relatório sobre a Consulta para que todos tenham acesso às informações. Ficou definida como junho de 2007 a data máxima para sua conclusão. Com o documento em mãos, será realizada uma reunião com o grupo de articulação para pensar estratégias de expansão da proposta e para que a discussão sobre TC chegue aos seminários e aos projetos sociais. Welinton acrescentou que uma das idéias é publicar um livro com as principais reflexões dos participantes.

- Mobilização da Igreja

Participantes: Klênia, Priscila, Davi Batista, Lecy, Thiago, Ailton e Cilas Gavioli.

O grupo de trabalho responsável por traçar os objetivos para mobilização da Igreja acredita que a principal missão da recém formalizada Rede Mãos Dadas é *tirar as crianças da invisibilidade*. As crianças, em especial, as crianças em risco são invisíveis dentro da maioria das igrejas. Como levar para dentro delas a realidade dessas crianças, como aproximá-las da Igreja? Este é o grande desafio que temos pela frente. O grupo traçou várias diretrizes, tentando utilizar ao máximo os recursos já disponíveis por *Mãos Dadas* e por seus parceiros. Estes recursos são: mutirão de oração, revista Mãos Dadas, site, Teologia da Criança, dinâmica *A Criança no Coração de Deus* e CLAVES. Além destes recursos, os agentes sociais e os parceiros também podem ajudar na Mobilização da Igreja.⁸

- Metodologia CLAVES

Participantes: Elsie, Susete, Eliel, Menta, João Raul, Ieda, Lílian.

Elsie explica sobre o processo histórico do CLAVES no Brasil. Ela afirma que a principal demanda no momento é conseguir uma organização parceira que seja “incubadora” do CLAVES no país. O grupo discute qual seria o papel desta incubadora e as possíveis organizações interessadas.

Eles concluem que talvez fosse bom começar a trabalhar com a hipótese de ser a Casa Filadélfia a primeira candidata a sediar o CLAVES, porque é uma organização menor e porque tem uma forte vertente para a questão da prevenção para uma sexualidade sadia. Outras razões apontadas: Casa Filadélfia já utiliza há algum tempo o material Claves, participou de sua adaptação para o português, já tem uma equipe formada que realiza oficinas de prevenção em escolas, creches, igrejas, etc. A discussão é encerrada e o grupo concorda com o indicativo de que a *Juventud para Cristo* trabalhe no estabelecimento desse vínculo com a Casa Filadélfia. O nome da organização incubadora, porém, não está fechado.

- Uso do site

Participantes: Marilene Moreira, Márcia Suss e Tábata Móri

O grupo discute a necessidade de explorar mais o site para oferecer recursos e artigos que abordem temas não contemplados na revista impressa. Para que essas edições on-line sejam publicadas, cada parceiro deve colaborar com dois artigos por ano. O tema será mensal, a começar em maio. A cada mês, cinco instituições parceiras ficarão responsáveis por enviar seus artigos e imagens. O primeiro tema já foi escolhido, é *Defesa de Direitos na Prática*. Como as duas primeiras edições desse ano vão abordar a “defesa de direitos”, experiências vividas pelos parceiros podem ser construtivas para os agentes sociais.

Um representante de cada grupo faz uma breve exposição do que foi discutido em seu GT. Alguns parceiros comentam e dão poucas sugestões.

O encontro foi encerrado com todos orando juntos.

Legendas:

EE: Equipe Editorial; GG: Grupo Gestor; MD: Revista Mãos Dadas.

⁸ O relatório completo deste GT será enviado posteriormente aos parceiros.

Relatório redigido pelo assistente editorial, Lissânder Dias, em 18 de maio de 2007.